

## MENSAGEM MAURÍCIA 2021

De autoria do Cruzado 5.222 – Heraldo da Costa Kremer

Corriam tempos difíceis naquela segunda metade do século terceiro. O imponente Império Romano, símbolo de poder e organização por tantos séculos, se encontrava desestruturado, com graves problemas econômicos e assolado pela chamada “Peste de Cipriano”, uma provável pandemia de sarampo ou varíola, que durou duas décadas. Além disso, aproveitando-se dessa situação, os povos da fronteira norte, nas terras da antiga Gália, vislumbravam uma oportunidade para serem bem sucedidos em caso de revolta.

Foi então que Diocleciano, proclamado Imperador pelas legiões romanas no ano de 284, após a morte de seu antecessor Marco Aurélio Caro, tomou diversas medidas para sanear a situação econômica e restabelecer a unidade do Império, tanto no âmbito administrativo como no militar.

Dentre elas, merece destaque a associação ao Império, no ano 285, de Marco Aurélio Valério Maximiano, nomeado “César”, estabelecendo-se assim uma diarquia, através da qual complementavam-se a inteligência política e a força militar. Como primeira e principal missão de Maximiano, a ele foi atribuído o comando das tropas que deveriam debelar a revolta dos bagaudos, na Gália, e depois, se necessário, também a dos germanos.

Maurício, na condição de comandante de uma importante unidade estabelecida na região da Tebaida, no Egito, não estava alheio a toda essa instabilidade. Mas suas preocupações iam além das questões militares.

Com a sua conversão, e a de seus comandados, ao Cristianismo, abraçando com verdadeira fé a mensagem do Mestre de Nazaré, havia a permanente sombra das perseguições, uma vez que Diocleciano, sob a justificativa da necessidade de restabelecer as tradições do Império Romano, já demonstrava a clara intenção de publicar editos que tinham por objetivo restringir drasticamente a disseminação do Cristianismo no seio do Império.

Quando chegou a convocação para que Maurício, e seu contingente, se juntassem às tropas sob o comando de Maximiano, não houve surpresa alguma. Afinal, o Imperador queria montar um exército com as suas melhores tropas, e a unidade comandada por Maurício era reconhecida como uma tropa de elite.

Mas, Maurício, ao receber as ordens vindas diretamente de Roma, não pode deixar de sentir uma forte apreensão, intuindo que se aproximava a hora em que seria necessário testemunhar a sua conversão, e a sua absoluta adesão aos princípios e lições legados por Jesus.

Durante a viagem, por vezes quis dividir as suas preocupações com seus auxiliares diretos, Exupério, seu sub-comandante, e Cândido, seu Intendente. Mas, muito embora não tivesse falado abertamente, Maurício podia sentir que seus pensamentos também estavam concentrados nas mesmas questões, assim como os de todo o restante da tropa.

Ao chegarem à região da Gália, Maurício decidiu então estabelecer seu acampamento nas cercanias de Agauno, evitando assim juntar-se ao restante do exército, que acampara nos arredores de Octodurum.

Considerando as suas graves preocupações com relação à questão religiosa, e as suas prováveis consequências, não podemos deixar de estabelecer um paralelo do afastamento de Maurício do restante do exército romano, com o retiro de Jesus ao Monte das Oliveiras, no bosque de Getsêmani, para orar na noite anterior ao seu suplício. Talvez, em seus pensamentos, durante a noite, provavelmente passada em claro em orações, Maurício tenha se lembrado recorrentemente da lição do Mestre: - “Dái a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”.

E foi então que, com seu exército instalado, Maximiniano deu início aos preparativos da campanha, mediante a realização dos cultos propiciatórios, com os solenes sacrifícios aos deuses de Roma, ocasião em que todo o exército deveria fazer seus juramentos de fidelidade.

Diante do chamado, Maurício declina do convite, alegando que ele e seus comandados, todos conversos ao Cristianismo, não participariam do culto aos deuses pagãos. O Imperador fica contrariado, e determina que a tropa de Maurício compareça imediatamente aos cultos, sob pena de severas punições, ao que Maurício responde que, não obstante a sua disciplina impecável e a sua dedicação ao exército de Roma, na questão religiosa a sua fidelidade é absoluta para com Jesus, razão pela qual ele e seus soldados não poderiam participar de cultos aos deuses pagãos.

Maximiniano fica enfurecido, e determina a realização de uma primeira dizimação, ou seja, o sacrifício de um em cada dez soldados da tropa. Apesar da punição, os soldados cristãos mantêm-se firmes em seus propósitos, sem demonstrar qualquer reação contra a autoridade do Imperador. Maximiniano, determina então uma segunda dizimação, e, como a situação não se alterava, a decapitação de todo o restante da unidade.

Bem, meus irmãos Cruzados, essa narrativa inicial não foi extraída de uma autobiografia de Maurício, nem tampouco de qualquer mensagem mediúnica retratando os sentimentos que invadiram aquele grupo de mártires cristãos, quando se avizinhou o momento crucial de seu testemunho de fidelidade a Jesus.

Ela foi fruto do exercício de um estilo literário, conhecido como Romance Histórico, quando buscamos agregar um pouco de ficção, trazendo ações e sentimentos, aos poucos registros realmente históricos de determinado evento.

No caso, um dos mais impressionantes e significativos exemplos de fidelidade ao Cristo e a Deus, narrados na história do martirólogo cristão, conhecido nas tradições cristãs como “O Sacrifício da Legião Tebana”. Um episódio realmente único, por suas características tão especiais.

Único, em primeiro lugar, por se tratar de um sacrifício coletivo, mas que transcorreu com tamanha unidade de pensamentos e sentimentos, que aconteceu como se fosse a decisão de apenas um indivíduo. E essa unidade coletiva, por certo que foi decorrente da incrível liderança de Maurício perante seus comandados, confirmada pelo respeito, admiração e confiança que seus homens tinham por ele.

Podemos, mais uma vez, nos utilizarmos da imaginação, e visualizarmos a cena de um acampamento, provavelmente a beira de um rio, quando à noite, nos breves instantes de descanso, após treinamentos intermináveis ou confrontos armados, sob a luz das fogueiras, Maurício e seus homens se dedicavam ao estudo das lições do Mestre Jesus.

Podemos imaginar, também, como algumas lições guardavam significação especial para eles, tais como no caso do episódio da “Cura do Servo do Centurião”. Naquela passagem, com o testemunho do próprio Jesus, eles podiam ter a certeza de que um soldado poderia ser um homem bom, superando as diferenças de nacionalidade e classe social, para demonstrar afeto e preocupação para com um servo. Que um soldado poderia ser um homem justo, ajudando ao povo judeu, mesmo dominado, a construir a sua sinagoga. Que um soldado poderia ter uma fé exemplar, a ponto de merecer destaque especial do Mestre Jesus.

O episódio é único, também, porque, diferentemente dos outros exemplos de martírio coletivo, como no caso dos cristãos levados às feras no Circo de Roma, estes se tratavam de seres indefesos, sem qualquer capacidade de reação. Já Maurício e seus comandados eram soldados de elite, bem armados e bem posicionados, que poderiam se defender, mas que decidiram depor suas armas, com base no atendimento ao princípio da disciplina às autoridades e ao exército do qual faziam parte.

Bem, meus irmãos Cruzados, este é o exemplo que nos foi legado por Maurício, Patrono e Guia que a vontade do Alto designou para a nossa querida Cruzada dos Militares Espíritas. Razão pela qual devemos sempre meditar acerca da sua lição de devotamento e renúncia, de disciplina e de fé.

Devemos ter sempre em mente, também, que os vínculos que estabelecemos com a Cruzada dos Militares Espíritas não foram decorrentes de meras coincidências ou de acontecimentos fortuitos, e sim fruto de compromissos assumidos como parte do programa estabelecido para a nossa atual encarnação.

Ainda que os motivos que nos tenham levado a conhecer e a procurar a Cruzada dos Militares Espíritas nos pareçam extremamente simples, tais como uma publicação que nos chegou às mãos ou apenas um comentário de alguém que nos aguçou a curiosidade, na verdade eles consistiram na forma pela qual a espiritualidade julgou por bem nos alertar de que era chegado o momento de darmos início ao cumprimento de nossos compromissos.

Razão pela qual encerramos nossa mensagem transcrevendo os dois últimos parágrafos do opúsculo editado em setembro de 1984, em comemoração à XXXI Semana Maurícia, que se encerra dizendo:

“Só existe uma bússola a ditar-lhe um rumo: O Evangelho de Jesus. E, a iluminar o caminho, tornando-o praticável, como farol presente que não se extingue, a Revelação prometida pelo Messias, que Kardec codificou”.

“Exemplificá-la a cada instante, propagando-a com devotamento e renúncia, com firmeza e fé, eis a missão que nos foi outorgada sob o exemplo e o amparo de Maurício. Sob os auspícios de nosso Patrono e Guia, sejamos dignos de realizá-la, para uma colheita abundante e feliz”.